

Herança Filosófica II

Aula 4

As obras maçônicas, abordando influências de outras organizações e movimentos sobre a Maçonaria, não costumam incluir em suas listas a Reforma, o que é bastante estranho se lembrarmos que a **Maçonaria Especulativa** (Franco Maçonaria) teve sua origem em mutação de sua versão operativa ocorrida em terras inglesas, país anglicano, com fortes influências de movimentos Evangélicos reformadores.

A Reforma tem sido estudada e interpretada de múltiplas maneiras, de acordo com as características culturais de seus analistas.

- Para os iluministas do século XVIII, o movimento reformista representara uma primeira manifestação da “Libertação das consciências contra a autoridade opressiva e obscurantista da Igreja Católica¹.”
- Também foi interpretada como sendo um dos agentes forjadores dos modernos estados europeus, com o rompimento da hegemonia romana que transcendia os aspectos religiosos e tinha intensas reverberações nas esferas política

Objetivos:

- Entender a influência da Reforma na Franco Maçonaria;
- Desmistificar a conexão entre Maçonaria e Rosacruzianismo.

e social. Lembrando os movimentos de revolta dos camponeses (reprovados por Lutero).

■ A Reforma também já foi apresentada como produto da crise social da época, da luta de classes, da ascensão da burguesia européia e do capitalismo. Apesar de todos estes fatores coexistirem naquele movimento, sua essência era de cunho eminentemente **religioso**.

A personalidade central desse movimento foi Martinho Lutero (Martin Luther). Nascido em 10 de novembro de 1483 em Eisleben, na Turíngia, atual Alemanha, Lutero matriculou-se na universidade de Erfurt em 1505 com intenção de estudar Direito e Filosofia. Conta-se que dois meses após iniciar seus estudos superiores, o jovem passou por uma experiência traumatizante; ao regressar à universidade após visita aos pais foi apanhado por terrível tempestade, chegando a ser arrojado ao chão por um raio. Levado pelo terror e nervosismo do momento, Lutero clamou pelo socorro de Santa Ana, prometendo tornar-se monge se tivesse a vida salva.² Para desapontamento de seu pai, Martinho levou a sério sua promessa, e, desistindo dos estu-

dos universitários, entrou para a ordem dos agostinianos de Erfurt,³ onde alcançou a ordenação sacerdotal em 1507.

Como monge foi rigoroso na observância de seus deveres e na obediência das normas de sua Ordem, que preconizava uma vida de meditação, trabalho e ascetismo. Os agostinianos buscavam sua fundamentação filosófico-espiritual no pensamento de seu patrono, Santo Agostinho, dentro da interpretação particular que dele fizera o pensador inglês Guilherme de Occham. Em sua proposição central, o homem nada podia fazer para promover sua salvação ou para precipitar-se na perdição; a vontade de Deus, soberana, era o árbitro definitivo e único a decidir sobre estas alternativas.

Lutero sentia-se atraído pela reflexão sobre a natureza humana, o mal, o pecado e a salvação. O conflito entre estes temas só foi harmonizado após cerca de cinco longos anos de estudo, quando, examinando a carta do apóstolo Paulo aos Romanos, descobriu o que chamou de **a chave de ouro que abre toda a sagrada escritura, o conceito da justificação perante Deus pela fé, e não pelas obras. O livre exame das Escrituras e o valor singular da fé foram os lemas motivadores da reforma.**

Um fato, porém, teve importância fundamental na apresentação do manifesto de Lutero – a venda de indulgências. De acordo com documento publicado pelo papa Leão X, procurando arrecadar fundos para a construção da Basílica de São Pedro, qualquer pessoa poderia salvar a própria alma, ou de um parente, vivo ou morto, através do pagamento de uma quantia adequada. Receberia então documento por escrito, com o perdão dos pecados e a vida eterna assegurada. Em torno dessa prática desenvolveu-se lucrativo negócio onde pequeno grupo auferia as maiores vantagens. Na Alemanha todo o movimento era controlado por Alberto de Brandeburgo, Arcebispo de Mainz, autorizado pelo papa a reter 50% dos valores arrecadados.⁴ Por sua vez, Alberto devia 10 mil ducados ao banco Függer, por empréstimos realizados para pagar a Leão X pela autorização especial concedida permitindo-lhe governar três bispados simultaneamente. Assim, o negócio circulava entre banqueiros e autoridades eclesiásticas. Um dominicano, Johan Tetzel, percorria as cidades pregando “a salvação ao alcance do bolso”, com o *slogan*:

“Assim que a moeda no cofre cai, a alma do purgatório sai.” (**História em Revista**, op. cit., p. 5.)

Mesmo desconhecendo os acordos financeiros por trás da “operação indulgências”, Lutero rebelou-se contra essa flagrante oposição ao princípio bíblico expresso nas cartas de Paulo. Ele elaborou 95 teses onde contestava as doutrinas e atitudes da Igreja, e as distribuiu a seus superiores eclesiásticos e a filósofos de renome. Como não obteve resposta oficial, afixou suas teses na porta da igreja da qual era sacerdote, a catedral de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517.

Sobre este tema, **R. H. Tawney** comenta:



“O ouro, (escreveu Colombo, como quem enuncia um truísmo) constitui tesouro, e aquele que o possui tem tudo o que é necessário neste mundo, bem como os meios de salvar as almas do purgatório e reintegrá-las no gozo do paraíso. Foi essa doutrina de que todas as coisas têm seu preço – a salvação futura tanto quanto a

Tawney, **A Religião e o Surgimento do Capitalismo**, Perspectiva, p. 99.

felicidade presente – que escandalizou homens sobre os quais não poderia recair a suspeita de deslealdade para com a igreja e que deram o mais poderoso argumento aos reformadores. Sua perspectiva da sociedade tinha em comum com sua perspectiva da religião o fato de a essência de ambas residir na denúncia de uma civilização degenerada perante o majestoso tribunal de um passado incorrupto. Desse conservantismo revolucionário, Lutero, que odiava o individualismo econômico da época não menos que sua lassidão espiritual, é o exemplo supremo...Quando olha para a igreja da Alemanha, ele a vê sugada até a última gota pelo tributo que flui para a nova Babilônia. Quando olha para a vida social alemã, ele a encontra cavalgada por um poder monetário sem consciência, que incidentalmente contribui, tal como os negócios bancários dos Fuggers, para a avareza e corrupção de Roma. A exploração da igreja pelo Papado e a exploração do camponês e do artesão pelo capitalista são assim os dois cornos da besta que está sentada nas sete colinas.”

Pensadores do quilate de Erasmo de Roterdã e Felipe Melanchton manifestaram-se a favor das teses luteranas. Após longo debate

público, que se estendeu por dezoito dias, entre Martinho Lutero e Johan Eck, um dominicano, no ano de 1519, foi publicada a bula papal *Exsurge Domini*, na qual Lutero era ameaçado de excomunhão. Para Lutero, mesmo a palavra do Papa, ou de qualquer teólogo, só seria aceita se estivesse de acordo com os escritos bíblicos. Por isso, apesar das ameaças, ele continuou divulgando suas idéias e no ano seguinte chegou a publicar 24 obras, entre livros e panfletos escritos em alemão, não em latim, como era o costume. Suas obras eram lidas em público, nas ruas, nas casas, templos e tabernas, assim, mesmo os analfabetos, que era a esmagadora maioria, ficaram conhecendo suas idéias.

Em junho de 1520 o Papa publicou uma bula de excomunhão intimando Lutero a se retratar das heresias listadas, dentro de sessenta dias. Em Wittemberg a bula foi queimada publicamente em cerimônia conduzida por Lutero. Após nova bula de excomunhão, o reformador alemão foi convocado a apresentar-se perante o Imperador do Sacro Império Romano Germânico, Carlos V, e defender-se perante uma assembléia composta por re-

presentantes de todas as partes do império, chamada **Dieta**, realizada na cidade de Worms. Com um salvo-conduto que garantia sua imunidade, concedido pelo Imperador, Lutero lá compareceu em abril de 1521 e apresentou suas idéias perante as mais altas autoridades do Império. Questionado se estava disposto a abandonar as concepções expressas em suas obras, ele respondeu:

“Uma vez que vossa serena majestade e vossas senhorias solicitam uma resposta simples, devo dá-la sem restrições e sem rodeios. A não ser que eu seja condenado pelo testemunho das escrituras ou da simples razão (pois não creio apenas no Papa ou em concílios, uma vez que se sabe que eles erram e se contradizem com freqüência), estou preso às escrituras que citei e minha consciência é escrava da palavra de Deus. Não posso nem quero revogar nada, pois não é seguro nem honesto agir contra a própria consciência. Amém.” (História em Revista, op. cit., p. 19.)

A dieta de Worms decidiu pela condenação de Lutero, banindo-o do Império e cassando-lhe todos os direitos civis. O reformador fugiu para o castelo de Wartburg, onde ficou recluso, protegido por Frederico da Saxônia.

As idéias luteranas conquistaram adeptos também nas mais altas classes. Vários príncipes alemães (do Palatinado, da Saxônia, de Brandeburgo, da Pomerânia) viram chegar uma ótima oportunidade de, ao mesmo tempo, livrarem-se da submissão a Roma e se apoderarem das imensas propriedades que em seus territórios eram de domínio da Igreja.



Quando o Imperador Carlos V ordenou que as igrejas partidárias da forma luterana de culto voltassem à antiga forma católica, seis príncipes e 14 cidades protestaram. Depois disso, o termo **protestante** foi associado a todos que deixavam de obedecer à igreja romana.

Os ventos protestantes alcançaram também a Inglaterra. Henrique VIII não aceitou a autoridade papal, proibindo seu divórcio, e fundou a Igreja Anglicana, tornando-se o rei chefe da nova organização religiosa. Também os países nórdicos, Suécia, Dinamarca, Finlândia, tornaram-se luteranos, assim como também

grande parte da França. Em 1530, na dieta de Augsburg, convocada por Carlos V, Melancthon⁸ representou os luteranos, defendendo as bases de sua doutrina, sintetizada em 28 artigos, que foram rejeitados pela assembléia católica. Como consequência, os estados protestantes aliaram-se ao rei da França contra o Imperador, mas as hostilidades entre os dois grupos só assumiram a condição de guerra em 1546, após a morte de Lutero.



O conflito estendeu-se por dez anos, findo o qual ficou estabelecido, a partir de 1555, que cada região adotaria a religião de seu governante, o que dividiu a Europa em estados protestantes e católicos.

As doutrinas luteranas foram divulgadas na Suíça por Ulrich Zwinglio, que de Zurich levou o luteranismo à maioria das cidades de seu país. Após sua morte, o pensamento protestante na Suíça passou a ser liderado pelo teólogo francês João Calvino.⁵

Calvino simplificou ainda mais o culto e a liturgia. Sua doutrina tinha como característica a ênfase absoluta na **predestinação**. As pessoas seriam antecipadamente predestinadas por Deus para a salvação ou para a perdição.

A prática de boas ações e uma vida austera eram sinais externos de que o praticante era um dos escolhidos de Deus. O reformador de Genebra olhava com bons olhos as atividades do comércio e da política, apoiando empréstimos a juros, desde que em valores módicos. Extremamente rígido nos costumes

e na moral, Calvino criou normas para todos os aspectos da vida, formando um corpo oficial da igreja para policiar a ação de seus membros. O centro divulgador do calvinismo foi a cidade de Genebra, onde o próprio conselho dirigente era composto e dirigido pela cúpula calvinista, chamada consistório. A autoridade do consistório abrangia todas as atividades comuns, obrigava a presença dos cidadãos aos serviços religiosos e à escola, proibia os jogos de azar, a dança, teatro, bebedeiras, chegando a proibir a contestação da pregação calvinista.

Uma das conseqüências atribuídas à reforma, principalmente ao calvinismo, é o **favorecimento do capitalismo**, originado de sua posição em relação ao lucro e juros, oposta à tradição católica, que enfeixava ambos os conceitos dentro de um único rótulo de usura, e como tal proibidos. Sobre este tema, Tawney acrescenta:

Os contemporâneos interpretavam Calvino como se pretendesse que o devedor poderia ser devidamente solicitado a ceder uma parcela de seu lucro ao credor, com cujo capital aquele os

obtivera, mas a cobrança de juros estaria errada se significasse que o credor enriquecesse pelo suor do devedor e o devedor não colhesse recompensa de sua faina. (Tawney, op. cit., p. 113).

A igreja anglicana, da Inglaterra, acabou por adotar a teologia calvinista, porém sob diferente organização. Mesmo assim ocorreram restaurações do catolicismo em diferentes períodos da história inglesa. Na época em que a maçonaria assumiu seu caráter especulativo, a igreja anglicana já tinha suas bases bem fundamentadas e apresentava características mistas de catolicismo e calvinismo.

No próprio seio da igreja católica surgiu um movimento de renovação que tem sido chamado de contra-reforma, ou reforma católica⁶. Seus objetivos eram submeter novamente ao domínio de Roma os estados reformados, mesmo que sob a força das armas e um programa de doutrinação das populações protestantes através de missões, com a criação de colégios e universidades. Manifestava também interesse na moralização dos costumes dentro e fora do clero e incentivava os esforços para a renovação espiritual. Data desse

período a criação da Companhia de Jesus, em 1537, por Inácio de Loyola, e a reformulação dos dominicanos, franciscanos e outros. Em 1545, na cidade italiana de Trento, realizou-se o célebre concílio⁷ onde foram reafirmadas as posições do catolicismo tradicional, em oposição aos pontos de vista protestantes. Dentre estes, enfatizava-se o papel das obras no processo de regeneração e salvação, os sacramentos, a presença real, transubstanciada de Cristo na hóstia, e a confirmação do valor da tradição, em paralelo com a Bíblia, como revelação da vontade de Deus. Estendendo-se pelo período de dezoito anos, e dividido em três partes, o concílio contribuiu para o acirramento das hostilidades entre as duas facções religiosas ao adotar e preconizar uma política anti-protestante.

Por muitos anos os povos europeus experimentaram longas lutas fratricidas em nome de Deus. Protestantes matavam católicos, “papistas idólatras”; católicos trucidavam “os hereges protestantes”, cada um convicto de estar prestando um serviço a Deus. Quando um grupo entende que a morte dos hereges é a expressão da vontade de Deus, é porque já

definiu como herege todo aquele que adota uma filosofia e prática religiosa diferente daquela de seus filiados, e mais uma vez a intolerância e o fanatismo produzem os seus frutos de devastação e horror.

“Os danos provocados pelo recrudescimento da intolerância e do fanatismo fizeram com que começasse a ganhar força a tese de que a tolerância religiosa pudesse representar um mal menor, ou então um bem que possibilitaria o livre confronto das doutrinas, permitindo que viesse à tona o núcleo de princípios comuns a todas as religiões, pelo menos as cristãs. E assim começou a ser difundida na Europa a concepção da necessidade de separação entre os poderes religioso e civil, como base indispensável para a constituição de estados em que a honra e a lealdade dos cidadãos independesse de suas crenças religiosas.” (História das Civilizações, op. cit., p. 140).

Assim iniciou-se um período de harmonia e tácita aceitação de diferenças religiosas, se bem que a posição dos governantes ainda fosse determinante da confissão religiosa que seria seguida em cada região.

Giordano Bruno e o hermetismo

A filosofia hermética encontrou opositores tanto entre os reformadores quanto entre os católicos tradicionais. Johan Weir, **autor protestante**, denunciou seus fundamentos como sendo “... **uma perversa superstição pagã e fonte de magia**”.⁸

Ele considerava de forma idêntica muitas das práticas católicas tradicionais entendendo que a religião deveria ser despida de qualquer prática ou filosofia associada à magia. Do lado católico pode-se destacar o livro do jesuíta Martin Del Rio⁹. Apesar de aceitar parte da magia natural de Ficino, ele repudiava o uso de talismãs e o valor mágico atribuído na cabala à língua hebraica. Durante todo o período em que a filosofia hermética renascentista exerceu o seu fascínio, muitos outros autores de ambas as confissões religiosas fizeram-lhe forte oposição.

Uma figura de destaque dentro da filosofia desse período é sem dúvida a do italiano **Giordano Bruno**. Nascido na pequena cidade de Nola em 1548, Bruno foi ordenado sacer-

dote dominicano em 1563. Devido às suas idéias sobre os dogmas católicos, especialmente sobre a Trindade, Bruno foi acusado de heresia, vendo-se na necessidade de abandonar o hábito e fugir da Itália em 1576. Desta data em diante, Giordano Bruno percorre toda a Europa, como professor e palestrante, lecionando nas mais famosas universidades. Sua primeira visita foi a Genebra, onde teve contato direto com Calvino e suas doutrinas, com as quais não se harmonizou.



O caráter mágico de Bruno ficou evidenciado pela primeira vez na publicação de dois livros sobre a arte da memória, em Paris, por volta de 1581.

Quando de sua estada na Inglaterra, Bruno divulgou uma nova filosofia que, segundo Yates,¹⁰ era de caráter hermético. Admirador de Cornélio Agrippa e sua *De Occulta Philosophia*, o nolano dedicou-se também ao estudo da cabala, embora fosse de opinião que o hermetismo lhe era superior. Para Bruno os egípcios estavam em primeiro lugar, vindo depois, nesta ordem, judeus e cristãos, considerados por ele os piores.

Giordano Bruno, **Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos**, Fundação Calouste Gulbenkian, 1967, p. 89

Giordano Bruno aceitou as idéias de Copérnico a respeito da forma do sistema solar, com o sol no centro, principalmente porque essas idéias harmonizavam-se com os ensinamentos herméticos. Ele foi, porém, além do ponto de vista copernicano, pois aquele continuava entendendo o universo como o sistema solar, e Bruno propõe a idéia de um universo infinito, com mundos infinitos, com incontáveis sóis e incontáveis terras idênticas à nossa¹¹:

“... existem pois, sóis inumeráveis, e infinitas terras que giram em volta daqueles sóis, como estes [os planetas] giram em torno deste sol que nos é vizinho.”

E adiante, na mesma obra, acrescenta:

“... resta saber então que existe um campo infinito e espaço continente que abarca e penetra tudo. Nele existem infinitos corpos semelhantes a este, não estando qualquer deles mais no centro do universo que o outro, pois que este é infinito, portanto, sem centro e sem margens...De sorte que não existe um só mundo, uma só terra, um só sol, mas são tantos os mundos quantas as lâmpadas luminosas que vemos à nossa volta...”

(Frances Yates, Ensayos reunidos II, op. cit., pp. 185,186.) A tradução, livre, é de minha autoria. (E.N.C.)



Após uma vida intelectualmente produtiva e nômade pelas universidades européias, Giordano Bruno voltou à Itália, sendo preso em Veneza pela Inquisição.

Argumentou aos inquisidores ser sua intenção falar ao papa explicando seu caso e pedir absolvição. Bruno foi encerrado na prisão do Santo Ofício em 26 de maio de 1592. Após um longo julgamento, durante o qual se retratara das práticas de heresia, Bruno foi enviado para Roma, onde mais tarde revogou as

retratações, “*sustentando obstinadamente que jamais escrevera ou dissera algo herético, e que os ministros do Santo Ofício haviam interpretado mal sua visão.*”¹²

Considerado *herege contumaz*, portanto além da possibilidade de absolvição, foi condenado à fogueira, sendo a sentença cumprida em 17 de fevereiro de 1600 em Roma, num lugar chamado *Campo de’Fiori*.

Em um de seus múltiplos ensaios históricos, Frances Yates apresenta um comentário que, mesmo vago, situado no terreno das possibilidades, não deixa de ser curioso:

“Ainda que o processo efetivo que estabelece sobre que bases foi condenado não tenha subsistido, parece mais provável que Bruno tenha sido queimado como mago, como um egípcio, que havia estado propagando pela Europa um movimento cuja natureza continua sendo misteriosa, ainda que bem poderia estar ligado às origens do rosacrucianismo e da franco-maçonaria.”

Ainda dentro do panorama da cultura renascentista, encontramos na Inglaterra um curioso personagem – John Dee. Famoso na Inglaterra da rainha Isabel I, era bem recebido na corte e em círculos intelectuais, sendo o filósofo favorito da rainha. Dee compreendeu a importância da matemática para o desenvolvimento da ciência, manifestando grande interesse na fabricação de instrumentos científicos e em astronomia, apoiando as idéias de Copérnico. Escreveu em 1570 um prefácio para a tradução inglesa da obra de Euclides, na qual faz revisão de toda a ciência conhecida em sua época e enfatiza a necessidade do incentivo aos esforços de aprimoramento do conhecimento científico.¹³ Todavia, a reputação de místico fanático eclipsou suas obras científicas. Essa reputação desenvolveu-se a partir da publicação de sua obra **True and faithful relations of what passed for many years between Dr. John Dee and some Spirits**, publicada em 1659, após a morte de Dee com um prefácio desabonador escrito por Meric Casaubon. Em 1677 John Webster publicou uma defesa de Dee contra Casaubon acusan-

Pode ser traduzido livremente como: **Os relatos fiéis e verdadeiros do que se passou por muitos anos entre o Dr. John Dee e alguns espíritos.** Citado por Yates, Giordano Bruno e... p. 173.

do o último de difamar o primeiro intencionalmente por razões pessoais, e afirmando que Dee era o maior e mais hábil filósofo, matemático e químico de sua época.¹⁵ John Dee seguia a filosofia de Cornélio Agrippa, segundo sua visão do mundo expressa no *De Occulta Philosophia*, e publicou uma famosa obra hermética *Monas Yeroglyphica* em 1564, considerada por ele o centro de sua doutrina. Seu livro apresentava aspectos cabalísticos, alquímicos e matemáticos, através dos quais propunha uma compreensão mais profunda do mundo natural, assim como do mundo divino. Ele considerava-se responsável pelo estabelecimento de uma religião universal que terminasse com os conflitos religiosos, estabelecendo a paz e a concórdia.

Uma mudança decisiva na maneira de olhar o hermetismo foi trazida por Isaac Casaubon. Originário da Suíça nasceu em Genebra em 1559. Intelectual de valor reconhecido internacionalmente em seu tempo, era profundo conhecedor da cultura clássica. Viveu parte da vida na Inglaterra, onde produziu muitas de suas obras, onde veio a falecer em 1614.

Em sua obra *De Rebus Sacris et Ecclesiasticis Exercitationes XVI* ele analisa profunda e exaustivamente os escritos herméticos e chega a conclusões que modificam radicalmente as concepções existentes até a sua época daqueles famosos escritos:

“...Não há uma palavra, declara ele, sobre Hermes Trismegisto ou sobre os oráculos sibilinos em Platão, em Aristóteles ou em qualquer dos grandes autores pagãos... houve talvez, concede ele, uma pessoa real de grande antiguidade, chamada Hermes Trismegisto, mas que não pode ter sido o autor das obras a ele atribuídas. Elas não contêm doutrinas de um antigo egípcio, são, em parte, escritos de Platão e dos platônicos e em parte os livros sagrados cristãos. O Pimandro contém ecos de Platão, particularmente do Timeu, do Gênese e do Evangelho segundo São João. As potestades do Corpus Hermeticum XIII lembram a epístola de São Paulo aos romanos. Muitos hinos provêm de antigas liturgias, em particular das de São João Damasceno, ou dos salmos. Os tratados sobre a Regeneração são insinuados por São Paulo, por Justino, o Martir, por Cirilo, por Gregório Nazianzeno e outros.” (Frances Yates, Giordano Bruno e... op. cit. pp. 445 - 450).

Casaubon comenta ainda a questão de o estilo e vocabulário da hermética estarem expressos em um grego recente e não primitivo como deveria ser se tivesse a idade a ela atribuída. Assim, as obras que por tanto tempo inspiraram pensadores e movimentos esotéricos não tinham a antiguidade nem a autoria costumeiramente admitidas.

A descoberta de Casaubon não teve, contudo, efeitos imediatos, sendo ignorada por alguns pensadores, que continuaram mantendo com relação a Hermes a mesma posição renascentista.

O Rosacruzianismo

No início do século XVII surgiram panfletos em várias cidades da Europa, anunciando a presença dos irmãos da rosa cruz, dispostos a ensinar as ciências e os segredos da natureza a quem os procurasse. Os documentos surgiram primeiro em cidades alemãs – em Kassel no ano de 1614 surgiu o Fama Fraternitatis, que narra a história de Christian Rosenkreutz.¹⁶



EX: O inglês Robert Fludd,¹⁵ por exemplo, publicou na Alemanha um livro fundamentado na visão renascentista da hermética na mesma época em que na Inglaterra era publicada a obra de Casaubon, que a desmistificava. Fludd era profundamente envolvido com a magia e misticismo, e apresentava-se em suas obras como um discípulo do impreciso e misterioso movimento Rosa Cruz.



O texto conta que Cristiano (cristão) Rosa Cruz, nascido de pais nobres, foi colocado por estes em um convento aos quatro anos de idade para livrá-lo da situação de penúria em que viviam. Ali ele foi instruído na cultura clássica, aprendendo latim e grego. Peregrinou pelo Oriente Médio na adolescência e em Dancar, na Arábia, fez-se discípulo de mestres árabes, que o receberam como alguém longamente esperado. Aí aprendeu o idioma local, física e matemática, e depois de visitar outros países, voltou à Europa pela Espanha, onde trocou ensinamentos com seus sábios ocultistas. Após percorrer a Europa, voltou à Alemanha, onde desenvolveu estudos sobre alquimia. Mais tarde, voltando ao mosteiro onde vivera na infância, conquistou três adeptos, os quais teriam sido a origem da Ordem, que percorreria as nações oferecendo seus conhecimentos, curando doentes e promovendo a transformação da sociedade.

Cem anos após o falecimento de Rosenkreutz, no ano de 1604, seu túmulo foi encontrado. Era uma construção de geometria estranha,

iluminada por fontes de luz desconhecidas, e seu corpo estava milagrosamente preservado.* A lenda narrada nesse documento tem sido interpretada alegoricamente como a redescoberta de uma antiga filosofia de caráter alquímico e hermético que provocaria uma reforma total na sociedade humana.

No ano seguinte foi publicado o segundo manifesto – Confessio Fraternitatis (confissão da fraternidade) – continuando os pensamentos apresentados no primeiro, ao qual faz repetidas referências. Apresenta, entretanto, ênfase diferente, acentuadamente escatológica, anunciando a intervenção divina num mundo de trevas e corrupção, com a proximidade do final dos tempos, ao mesmo tempo em que reforça uma perspectiva esperançosa de uma nova filosofia que estava vindo à luz, prenúncio de novos tempos. Frances Yates¹⁷ indica a existência de influência direta de John Dee nos manifestos rosacruceanos, associando o opúsculo que acompanhava a **Confissão da Fraternidade** – “Uma breve consideração da mais secreta filosofia” – como um reflexo direto (em certas partes cópia literal) da *Monas Hieroglyphica* de Dee.

* A autora entende que os manifestos rosacruzes faziam alusão ao príncipe eleitor da Boêmia, Frederico do Palatinado, e seu casamento com a princesa Elisabeth da Inglaterra. Frances Yates, **O Iluminismo Rosa Cruz**, Pensamento, 1972, pp. 61 - 64.

Mesmo não sendo uma reprodução completa, é feita a citação literal de largos trechos dos primeiros treze teoremas onde Dee expõe a composição de seu emblema, baseado em considerações astrológicas. Até mesmo a oração final reflete as orações de Dee em sua obra hermética. Esses fatos sugerem a possibilidade da filosofia secreta anunciada pelos rosacruzes ser a filosofia hermética de John Dee. Note-se também que a obra *Casamento Alquímico de Christiano Rosa Cruz*, tem na página de título o de Dee.

O conteúdo da **Confissão**¹⁸. atacava a Igreja Católica e o Santo Império Romano Germânico, dirigindo duras palavras contra o papa:

Como poderíamos nós jamais ser suspeitos de heresia, de ardis e de tramas culpáveis contra a autoridade civil, quando condenamos os sacrilégios de que Nosso Senhor Jesus Cristo é objeto e de que tanto o Oriente quanto o Ocidente se tornaram culpáveis)isto é, Maomé e o papa...)", e mais adiante, no capítulo V: "Fomos encarregados de organizar na Europa o governo (temos uma descrição dele estabelecida pelo nosso pai cristão)... vede como grande número

de espíritos cheios de Deus, nos tempos que prece-dem lutaram secretamente, com grande esforço e prudência, contra a tirania do papa, até que uma maior sisudez, um zelo ardente, o expulsassem de sua sede e da Alemanha, para calcá-lo aos pés em boa e devida forma." E no final do capítulo onze acrescenta: "Também virá o tempo em que a víbora cessará de silvar, quando será abolida a tríplice coroa, assunto de que tratamos mais especialmente e em pormenor quando nos reunimos em nossa assembléia. (Bernard Gorceix, op. cit., p. 40).

Não é de se estranhar que, divulgando este tipo de conteúdo, os manifestos fossem condenados pela Igreja Católica, principalmente pelos jesuítas, e fossem defendidos pelos liberais protestantes.

Em 1616 surgiu então o terceiro manifesto, o **As Núpcias Químicas de Cristiano Rosa Cruz** no ano de 1459. Descreve o texto a viagem de eremita de C.R.C. em sete jornadas, sua participação no casamento real, suas múltiplas aventuras e sua volta para casa. Gorceix¹⁹ comenta a semelhança entre vários aspectos das jornadas com o "canto x da The Faerie



A "Monas Yeroglyphica" de Dee.
Frances Yates, *O Iluminismo Rosacruz*, pg.54



Página do "Casamento Alquímicos" mostrando o símbolo da "monas" de Dee.
Francês Yates, *O Iluminismo Rosacruz*, pg. 105.

Queene, a rainha das fadas, de Edmond Spencer (1552-1599), poema publicado em 1590 e 1596, onde é descrita a lenda do ‘cavaleiro da cruz vermelha’”.

Os misteriosos irmãos da rosa cruz, no entanto, nunca vieram a público, ainda que procurados diligentemente por pessoas como Descartes, que viajou entre 1616 e 1621 pelo sul da Alemanha tentando encontrar os novos sábios. Mesmo assim, as idéias propagadas causaram grande comoção em toda a Europa, e entre 1614 e 1620 calcula-se em mais de 400 títulos os comentários e panfletos publicados sobre o tema. Muitos levavam a sério, aceitando a história literalmente, outros a consideravam uma alegoria, mas todos ansiavam por uma manifestação visível da misteriosa fraternidade.

A maioria dos estudos atribuem a autoria dos manifestos a Johan Valentin Andrea, nascido em 1586. Andrea, que era ministro luterano, admitiu ser o autor das **Núpcias Químicas**, que ele descreve como sendo: “Uma farsa cheia de peripécias aventurosas”.²⁰ Mais tarde, em outras obras por ele publicadas entre 1618 e 1620,

Andrea negou ter participado da “mistificação” e de ter “renunciado definitivamente à ilusória fraternidade, para defender a única verdadeira causa do cristianismo ortodoxo.”²¹



Andrea havia criado anos antes uma rede de sociedades semi secretas conhecidas como Uniões Cristãs, com o objetivo de preservar o conhecimento ameaçado pelos conflitos (Guerra dos 30 anos) que mais uma vez assolavam a Europa. Considerado herético pela Igreja Católica, devido ao apoio prestado de público às novas idéias científicas, Andrea, através de suas associações, oferecia refúgio para aqueles que fugiam da Inquisição, numa rede que conduzia os refugiados à Inglaterra.

Frances Yates, O Iluminismo... op. cit., pp. 278 - 292.

Quem quer que tenham sido os autores dos manifestos rosacruz, e quaisquer que fossem suas intenções, suas idéias encontraram campo fértil e disseminaram-se por toda a Europa.

Frances Yates²² sugere o uso da palavra **rosacruz** para referir-se a um estilo de sensibilidade e expressão do pensamento, sem qualquer

associação a uma suposta sociedade secreta. Dentro desse ponto de vista, vários pensadores dos séculos XVI e XVII podem ser vistos como representantes dessa filosofia rosacruz, como: Thomas More, com sua Utopia, Francis Bacon, com a Nova Atlântida, entre outros. Na evolução histórica da cultura europeia, vemos o mago ceder lugar ao rosacruz, e este ao cientista.

Rosacruz: assim como o termo “barroco” é usado para várias manifestações artísticas, sem que se considere qualquer sociedade secreta ensinando o “barroquismo”.



Humberto Eco, em seu livro **O Pêndulo de Foucault**²³ descreve soberba e detalhadamente o processo no qual dois intelectuais, livreiros, forjam a existência de uma fictícia sociedade secreta que, agindo nas entrelinhas da história, teria alcançado os nossos dias. Os dois últimos capítulos mudam o tom da narrativa, descambando para uma farsa, onde místicos modernos assumem a herança da suposta sociedade, apresentando-se como seus legítimos representantes, transformando a ficção em realidade. Examinando-se a história, parece que algo semelhante pode ter acontecido com o “movimento rosacruz”: a sociedade proposta pelos manifestos teve seus princípios assimilados por intelectuais de tendências místicas que acabaram por materializar a organização, na criação de várias sociedades, algumas das quais continuam sua existência até nossos dias.

Rosacruzianismo e Maçonaria

Diversos autores, desde o século XVIII, têm sugerido uma ligação entre o movimento rosacruz e a Franco-maçonaria.

- Thomas de Quincey²⁴ considerava a Franco-maçonaria como fruto do rosacruzianismo transportado da Alemanha para a Inglaterra, sendo incorporado às tradições da guilda dos maçons. Segundo ele, o responsável por essa transformação teria sido Robert Fludd. O que se pode afirmar com base histórica, entretanto, é que alguns pensadores que eram maçons tinham também manifestado

interesse pela filosofia rosacruz, como Robert Moray e Elias Ashmole.

■ Sir Robert Moray foi iniciado em 20 de maio de 1641, sendo este, portanto o mais antigo registro documental de uma iniciação maçônica.²⁵ Interessado em alquimia e química, Moray foi um dos fundadores da Real sociedade de Ciências da Inglaterra, juntamente com Ashmole.

■ Elias Ashmole (1617-1692) foi um erudito *gentleman* inglês, colecionador de documentos antigos, alquimista e astrólogo.²⁶ Conta-se que Ashmole copiou de próprio punho o manifesto *Fama Fraternitatis* e o *Confessio*, aos quais anexou uma carta endereçada aos irmãos da rosa cruz, publicando-as em jornal, pedindo para ser recebido em sua fraternidade. Publicou em 1652 uma coleção de documentos alquímicos sob o título de *Theatrum Hermeticum Britannicum*, e em outro trabalho comentou um poema de John Dee. Em 1646, ano em que foi iniciado na maçonaria, Ashmole fundou, juntamente com o astrólogo William Lilly, uma sociedade místico-filo-

sófica chamada O **templo de Salomão**. Esta loja propunha a reconstrução da sociedade com a criação na terra de uma nova “Idade de Ouro”, a exemplo da que supostamente existira na época da mítica Atlântida. Este eminente personagem foi amigo do rei Charles II e cavaleiro da Ordem da Jarreteira. Fundou em Oxford um museu e biblioteca que levam o seu nome, e foi também um dos fundadores da Real Sociedade, na qual tomaram parte o grande físico,

■ Isaac Newton e o maçom Jean Theophile Desaguilliers. O seu diário nos dá a data precisa de sua iniciação:

“4 horas e trinta minutos da tarde do dia 16 de outubro de 1646. Tornei-me Franco-Maçom em Warrington, no Lancashire, com o coronel Henry Manwaring, de Karichan, no Cheshire.”

Amigo de nobres, cientistas e místicos, Ashmole foi tido por alguns autores como um dos formadores ideológicos da nova maçonaria, que teria, segundo eles, inspiração rosacruziana. Entretanto, anos depois, Anderson,

Jean Palou, **A Franco Maçonaria...** op. cit., p. 44

em sua obra, **As Constituições**, não faz qualquer referência a essas supostas influências esotéricas trazidas por Ashmole, ou a qualquer outra ligação com místicas escolas de mistérios do passado, o que põe em dúvida a existência de tais enxertos, já que de Ashmole a Anderson passaram-se mais de 60 anos.

Caro aluno, chegamos ao final de nossa quarta aula e, ao expormos um pouco de nossa herança filosófica, você pôde entender a influência da Reforma na Franco Maçonaria e também no transcorrer de nossas discussões, pudemos também desmistificar a ligação entre a Maçonaria e o Rosacruzianismo.